



Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XIII Jornada de Extensão

INSTITUIÇÕES PÚBLICAS E O TRABALHO DO PSICÓLOGO¹

Nilson Heidemann², Josiane Kapp Kopezinski³, Maria Inêz Bastiani Librelotto⁴, Miriam Eliana Grade Haisky⁵, Nairana Marczewski de Melo⁶.

¹ Projeto de Extensão Unijui - Unigestar.

² Coordenador da Unigestar. Mestre em Desenvolvimento e Professor Curso de Psicologia, nilsonh@unijui.edu.br.

³ Estagiária da Unigestar: Assessoria em Psicologia Organizacional e do Trabalho, josianekopezinski@yahoo.com.br.

⁴ Estagiária da Unigestar: Assessoria em Psicologia Organizacional e do Trabalho, inezbl@hotmail.com.

⁵ Estagiária da Unigestar: Assessoria em Psicologia Organizacional e do Trabalho, miriam.haisky@unijui.edu.br.

⁶ Estagiária da Unigestar: Assessoria em Psicologia Organizacional e do Trabalho, naira-m@hotmail.com.

Resumo: O trabalho no social sustenta um lugar de reconhecimento para o sujeito na sua comunidade, frente ao discurso do capitalismo, o trabalho faz laço, amarrando o sujeito em uma cadeia de significantes. Um discurso existe antes de qualquer palavra falada, estabelece relações fundamentais, resultando num laço social particular. Assim, em nossa sociedade, ter um trabalho é pertencer no/ao discurso.

Palavras-Chave: Assessoria-escola; Estágio; Organizações; Discurso.

Introdução

Diante do atual contexto da sociedade, do capitalismo como um discurso dominante, propomos uma discussão acerca do trabalhador, da importância do trabalho para o sujeito, bem como do lugar do psicólogo diante dessas questões e sua atuação como assessor em instituições públicas e privadas. A abordagem apresenta também o “jeitinho brasileiro” como um traço cultural, trazendo essas questões numa perspectiva reflexiva.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a instituição UNIGESTAR-Assessoria em Psicologia Organizacional e do Trabalho, que abriga estagiários do curso de Graduação em Psicologia da Unijui. Trata-se de um serviço de assessoria-escola na área organizacional e do trabalho, à empresas e instituições da comunidade de Ijuí e região.

Metodologia

Para o desenvolvimento do estudo, oriundo da prática como estagiários-atores de psicologia organizacional e do trabalho em instituições públicas e privadas, foram utilizadas pesquisas bibliográficas e socializações das discussões de casos.

Resultados e discussão





Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XIII Jornada de Extensão

[...] não há comunidade humana possível sem que exista, em seu seio, um bem comum, público, e do qual podem tirar proveito todos os membros da comunidade. Não há sociedade humana sem que exista em seu meio um bem público [...]. (MELMAN, 2002).

O laço social ao longo da história sempre teve uma sustentação mítica. Homens e mulheres sempre buscaram algo que os ancorasse simbolicamente e imaginariamente, que os situassem no seu tempo, na sua história. Antes poderíamos dizer que algo miticamente colocava o sujeito em contato com sua sociedade, mas hoje, o que produz laço e sustenta um sujeito?

Situamos dois pontos importantes para serem pensados. Um é de que, a narrativa mítica da ciência, presente em nossa sociedade contemporânea é um desses sustentadores de laço social. Outro é de que o capitalismo, presente nessa mesma sociedade, também sustenta um discurso organizador, fazendo com que o sujeito preso nesses dois discursos desloque a posição de saber para o lado do objeto. Entretanto, este mesmo sujeito possui, ou não, autonomia para realizar suas tarefas. Na sociedade industrial os músculos contavam mais que o cérebro, enquanto na sociedade da informação isto se inverte: o sujeito pode trabalhar em casa e fazer as mesmas, ou mais, tarefas que faria na empresa.

O trabalho no social sustenta um lugar de reconhecimento para o sujeito em sua comunidade, frente ao discurso capitalista, o trabalho faz laço, amarrando o sujeito em uma cadeia de significantes. Sabemos que um discurso existe antes de qualquer palavra falada. Cada discurso delinea relações fundamentais, resultando num laço social particular. Assim, em nossa sociedade, ter um trabalho é pertencer ao discurso.

É a partir disso, na busca de acompanhar as questões do nosso tempo, que surge a UNIGESTAR, trazendo a possibilidade de pensar no trabalho do psicólogo pela via da assessoria. Lacan chega a advertir que o analista deve renunciar de exercer a psicanálise, se “não puder alcançar, em seu horizonte, a subjetividade de sua época” (LACAN, 1953/1998, p. 322). É assim que entendemos o trabalho do psicólogo assessor, pois devemos estar em contato com as questões que permeiam o discurso de nossa sociedade.

É neste sentido que trazemos para debate a necessidade de pensar no valor do trabalho para um sujeito. O trabalho, enquanto uma forma de inserção de um sujeito no discurso social faz laço deste com seu tempo.

Nos meandros dos bens públicos também acompanham as mudanças. Neste viés da história, Melman (2002, p. 1) em seu texto “O Público e o Privado” diz que

Não há sociedade humana sem que exista em seu meio um bem público; sendo que o primeiro, que nos foi revelado pelos antropólogos, é o totem. É um bem público essencial porque é, para cada um dos membros do grupo, o signo de sua humanidade [...] em nossas democracias, esse bem público pode





Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XIII Jornada de Extensão

tomar uma forma muito menos mítica e chegar a ser absolutamente positiva. Por exemplo, quando se estima que em uma democracia, a educação, a saúde, as comunicações fazem parte dos bens públicos, temos que reconhecer não somente sua importância real, prática, mas também sua significação poderosamente simbólica.

Esses bens públicos dizem de nossa sociedade, do que é reconhecido em nosso tempo, dando um lugar de humanidade ao sujeito. O trabalho de assessoria junto aos trabalhadores do serviço público, permite transitar entre os bens e os seus efeitos na subjetividade do trabalhador.

Situamos o público a partir de Hannah Arendt (1997), segundo a qual, é de que seria acessível a todos. Público centra-se na ideia de acessibilidade: tudo o que vem a público está acessível a todos: pode ser visto e ouvido por todos. Quando divulgamos um pensamento ou um sentimento através de uma história, bem como quando divulgamos experiências artísticas individuais, o privado torna-se de acesso público. A garantia deste fenômeno depende de uma condição essencial: os outros têm que partilhar a realidade do mundo e de nós mesmos.

Pensando no contexto de trabalho, cabe situar a posição do psicólogo nas instituições, sendo elas privadas ou públicas. Esta acaba por ser a de um sujeito que se questiona diante de um discurso dominante, e isso convida o outro sujeito a também se questionar diante disso, assim faz-se um furo, abre-se a falta, e o sujeito “se movimenta”. O psicólogo ocupa uma posição de borda, de um terceiro, de alguém que tem um olhar “de fora”, condição para que o profissional não entre no sintoma da instituição.

Nas instituições, a posição de assessor para o psicólogo é um grande desafio, pois demanda do profissional uma atitude clínica, além de uma gama de conhecimentos teóricos específicos e também de campos afins, que organizam as organizações/instituições.

Esse lugar de assessor permite ao psicólogo a distância necessária para que seja possível realizar seu trabalho – de borda- situando-o na cultura institucional, percebendo o clima, tornando possível a escuta, para que se fale do que até então estava somente produzindo sintoma que produziam impasses.

Sobre o trabalho do psicólogo, Bleger nos coloca que “Em todos os casos, a função do psicólogo é a de reconhecer todos estes mecanismos e não agir em função deles, mas sim agir sobre eles, tratando de modificá-los” (BLEGER, 1984, p. 52).

Temos aqui alguns elementos que fazem possível uma interação entre os campos da psicologia e da organização/instituição, pois quando se solicita um trabalho para o psicólogo, esperam-se mudanças. Como disse Freud:



Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XIII Jornada de Extensão

Nenhuma outra técnica para a conduta da vida prende o indivíduo tão firmemente à realidade quanto à ênfase concedida ao trabalho, pois este, pelo menos, fornece-lhe um lugar seguro numa parte da realidade, na comunidade humana. (FREUD; 1930, p. 99 nota 1).

Podemos dizer que o trabalho é o maior organizador do ser humano, pois sustenta, faz laço e dá um lugar no social. Mas as mudanças produzem efeitos no sujeito-trabalhador, assim como fenômenos de grupo. Nomearemos dois desses efeitos para o sujeito e dois fenômenos de grupo, existem outros. Num processo de mudanças, em muitas ocasiões o sujeito-trabalhador se toma pela inveja e rivalização. Já os fenômenos são de perda ou intrusão. Como o psicólogo pode fazer sua interação com estas questões? Para Dejours:

O lugar e escuta do Psicólogo na Instituição deve auxiliar na construção de um bom ambiente de trabalho para os sujeitos, aliviar o sofrimento que o trabalho lhes impõe, evitar seu adoecimento, ajudá-los a ver o trabalho como fonte de realização e prazer e não só lucro, sacrifício ou sofrimento, através da circulação da palavra, que é o que pode curar. Não há organização do trabalho ideal. A solução “Terapêutica” consiste aqui em estimular a dinâmica intersubjetiva de transformação da organização do trabalho. É a contribuição para este processo de transformação que permite aos sujeitos conjurar o sofrimento. Conjurar, transformar em sentido, em inteligibilidade e em ação não significa que se anula, que se apaga o sofrimento, pode-se apenas transformá-lo em sentido e eventualmente em prazer: o prazer da reapropriação do vivido pela ação. (Dejours, 2011, p. 86).

Na instituição pública, onde existe a esfera do “comum a todos”, como podemos situar todas essas questões? O público traz uma questão bem acentuada, que diz de um “jogo de poderes” e de interesses, de uma burocracia acentuada, dentre outras. Como não entrar nesse sintoma e conseguir trabalhar? Como ter um tempo de trabalho – aqui se pode falar de qualitativo e não quantitativo – quando o que se espera é o cumprimento de metas para se estabelecer num jogo de poderes e interesses?

Podemos pensar o público no Brasil trazendo um sintoma social, o denominado “jeitinho brasileiro” (DAMATTA, 1986), de conseguir fazer, esperar por fazer sempre com uma maneira toda especial, traço da nossa cultura:

O resultado é um sistema social dividido e até mesmo equilibrado entre duas unidades sociais básicas: o indivíduo (o sujeito das leis universais que modernizam a sociedade) e a pessoa (o sujeito das relações sociais, que conduz ao pólo tradicional do sistema). Entre os dois, o coração dos brasileiros balança. E no meio dos dois, a malandragem, o “jeitinho” e o famoso e antipático “sabe com quem está falando?” Seriam modos de enfrentar essas contradições e paradoxos de modo tipicamente brasileiro. Ou seja: fazendo uma mediação também pessoal entre a lei, a situação onde ela deveria aplicar-se e as pessoas nela implicadas, de tal sorte que nada se modifique, apenas ficando a lei um pouco desmoralizada — mas, como ela é insensível e não é gente como nós, todo mundo fica, como se diz, numa boa, e a vida retorna ao seu normal [...] (DAMATTA, Roberto, 1986, p. 80).





Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XIII Jornada de Extensão

O trabalho nas instituições públicas é marcado pelos traços de uma cultura de levar vantagens. Com isso, como se implicar e implicar o sujeito-trabalhador no seu fazer? E como produzir sentido de trabalho? Estas são questões de um sintoma social que se entrelaça com o sujeito-trabalhador.

Ao psicólogo assessor basta seguir sua ética e seu código de deontologia, os quais não permitem fazer semblante com os traços culturais que desorganizam os laços de trabalho. Isto é suficiente para contribuir na suspensão de um sintoma tão arraigado? Estas questões inquietam?

O que faz um psicólogo trabalhar? Dejours disse que: “A escuta de um psicólogo assessor possibilita o ato de pensar, que difere da atividade de pensar, pois o ato possibilita ao sujeito trabalhador mergulhar na dialética “ator-sujeito” (DEJOURS, 1992, p. 158).

Isso lhe dá a possibilidade de ver-se na cena e na posição de sujeito em relação ao trabalho. Assim, nos parece que um sujeito trabalhador, com recursos subjetivos pode possuir capacidades de distinguir os elementos estruturadores ou desestruturadores do trabalho em relação à sua economia psíquica, e utilizar-se do trabalho como “ressonância metafórica na cena da angústia e do desejo”. (DEJOURS, 1992, p. 158). Angústia e desejo possibilitam a circulação da palavra, “ferramenta” de trabalho para o psicólogo assessor e também de deslizamento de um sintoma a outro.

Conclusões

Através deste trabalho, foi possível fazer uma relação entre teoria e prática no que tange a atuação do psicólogo assessor nas instituições, abordando questões, tais como: o trabalho, o público e o privado, o contexto social, dentre outras.

Essa reflexão nos remete a algumas questões que permeia a posição do psicólogo no trabalho de assessoria, ocupando um lugar de borda, de terceiro, tendo subsídios para um olhar de fora do sintoma institucional. Assumir essa posição enquanto psicólogo assessor é um grande desafio, pois exige do profissional uma atitude clínica, além de uma gama de conhecimentos, tanto específicos, como de outras áreas.

O trabalho do psicólogo é promover espaços de fala, para que através dela se movimentem questões atreladas aos traços culturais de cada espaço de trabalho, deixando em aberto as possibilidades de reposicionamento que cada grupo/equipe se autorizar a construir como sentido do seu fazer.

Referências Bibliográficas

ARENDDT, Hannah. A Condição Humana. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 8ª edição revista. (1997).

BLEGER, J. Psicologia Institucional. In: Psico-Higiene e Psicologia Institucional. Porto Alegre: ARTMED, 1984



Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XIII Jornada de Extensão

FREUD, Sigmund. O Futuro de uma Ilusão, o Mal- Estar na Civilização e outros trabalhos (1927-1931). Volume XXI In:___ Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Freud. RJ: Imago [2006]

MELMAN, Charles. O Público e o Privado. Conferência pronunciada em 21 de fevereiro de 2002 na Universidade Nacional da Colômbia. Bogotá - Tradução de Ubirajara Cardoso de Cardoso. Disponível em < www.Freud-Lacan.com > Acesso em 08 de agosto 2012.

DAMATTA, Roberto. O que faz o Brasil, Brasil? - Rio de Janeiro: Rocco: 1986.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1953/1998.

DEJOURS, Christophe. A Loucura do Trabalho. São Paulo: Cortez: 1992.